



Forquilha na mão, água na certa

Braskalb
TECNOLOGIA MUNDIAL EM SEMENTES

Grandes lençóis d'água, simples poços caseiros de vazão permanente e até mesmo minas de ouro ou jazidas de petróleo podem ser localizadas facilmente com uma forquilha de jabuticabeira, marmelo ou qualquer outro galho flexível... desde que a pes-

soa que o utiliza tiver esse dom, isto é, se for sensível às radiações que o subsolo emite. Duas pessoas em Valinhos, a 110 quilômetros de São Paulo, tio e sobrinha, possuem este "dom". São chamadas pelo dicionário "rãdomânticas" ou "radiestesistas"

(sensíveis às radiações da natureza), mas não pensam em aprimorar seus sentidos para achar ouro ou petróleo. Querem descobrir mais lençóis de água, "importantes para a agricultura" e que mais pessoas descubram em si esse potencial — segundo

um deles, uma em cada 100 pessoas tem essa capacidade, mas não sabe. Afirmam também que muitas doenças seriam evitadas não fosse a presença de milhares de construções sobre lençóis d'água, que afetam a saúde.

A primeira vez que Fernanda Von Zuben colocou em prática o dom da rãdomancia que ela sabia possuir foi em sua própria casa, na Chácara Previtali, em Valinhos, a 110 quilômetros de São Paulo. Por causa dos figos que cultivam, precisaram abrir um poço semi-artesiano e seu marido a chamou para marcar o lugar.

Forquilha pequena de pé de jabuticaba na mão - marmelo também serve e outras forquilhas com pouca seiva - Fernanda caminhou lentamente pela propriedade, sentiu a varinha se mover alguma vez, mas não tão forte, até que num determinado ponto, a varinha foi girando rápido na sua mão até que apontou um lugar no solo. "Eu falei, é aqui". Para se certificar que ali era o lugar, passou do ponto segunda vez e a forquilha também retrocedeu. Era mesmo ali o lugar, riscou no chão e esperou a

perfuração, "num estado de nervo só". "Quando saiu aquela água forte o poço tem 74 metros e vazão de 25.400 litros por hora - foi como se 200 quilos de peso tivessem saído de minhas costas".

A partir daí, Fernanda passou a ser chamada para indicar locais de outros poços. Em Itupeva, noutro sítio da família, marcou um poço com vazão de oito mil litros por hora e para os amigos já marcou mais dois nos últimos quatro anos, o tempo em que pratica a "arte". "Eu sou ainda nova em achar poços, mas meu tio o Armando Vod Zuben é conhecido por causa desse dom, já perdeu a conta de tanto poço que achou".

Como o tio, Fernanda também atribui sua sensibilidade a um dom natural, algo inexplicável. "Não tem nada de bruxaria, essas coisas". A gente simplesmente percebe algo que outros não percebem. Isso é bom, hoje

quase ninguém valoriza, mas na antiguidade como é que as pessoas viviam se não fosse com a ajuda da natureza, numa época em que não havia essa tecnologia que existe hoje?

Aos antigos ela também credita o ensino que até hoje pratica de não construir sobre veios de água. "Quando se vai construir o estábulo dos animais na fazenda, sempre foi costume soltar os animais antes. Onde eles pernoitam significa que o lugar é bom, porque eles conhecem a natureza e não ficam sobre lençol d'água. Ali se deve construir. A construção da casa também deve ser assim, ensina: primeiro se verifica com a forquilha o lugar onde não há veio de água e depois sim, é que se deve construir, porque se o quarto, por exemplo, ficar sobre o veio de água, a pessoa acaba afetada, fica fraca, por causa da umidade e de outras forças naturais. Os antigos têm sabedoria e a gente não deve desprezá-los".

Capacidade ignorada

Tanto dona Fernanda como "seo" Armando Von Zuben afirmam que muitas pessoas possuem o dom de achar água com a forquilha mas não sabem. Fernanda acha importante conhecê-lo e aconselha as pessoas a verificarem. "É fácil, é só achar uma forquilha, de pé de jabuticaba, marmelo, goiabeira ou outra bem flexível e ligar a torneira. Se a pessoa tiver o dom, assim que a água começa a circular, a varinha verga".

Metodo milenar

A rãdomancia é um método milenar, já praticado por chineses, egípcios e gregos. Durante o tempo em que muitas forquilhas foram vergadas para indicar a presença de lençóis d'água subterrâneos, chegou a ser encarada, não raramente, como feitiçaria. Muitos rãdomânticos teriam sido assassinados por que sabiam onde encontrar água.

Atualmente, embora aparentemente esta prática seja pouco conhecida, geólogos e cientistas em geral já não colocam em dúvida a funcionalidade do método. Na União Soviética, é amplamente divulgada e utilizada por geólogos, que a bordo de aviões localizam jazidas minerais e sítios arqueológicos.

Chamado "três por dois"

Aos 72 anos, o radioestesista Armando Von Zuben, casado, cinco filhos, "nenhum deles com o dom, infelizmente", diz que já marcou mais de quinhentos poços, entre comuns e semi-artesianos. "Sábado mesmo fui em Helvétia — perto de Indaiatuba, a 110 quilômetros de São Paulo — marcar um, já trabalhei em São Paulo, praticamente no Estado todo e em outros Estados. Até mesmo as empresas de geologia me procuram para eu confirmar o lugar do poço", diz, com indisfarçável orgulho. "O geólogo vem com o relógio e eu conserto o serviço dele".

— Esse dom não se aprende, não se ensina, tem que nascer com isso — diz "seo" Armando. Por causa dele vou em todo o canto, as Prefeituras me chamam e eu vou.

Quando é necessário, algumas empresas me chamam para saber o lugar exato da perfuração, porque o relógio do geólogo acusa o veio, começa a oscilar perto dele mas não marca o lugar exato. Isso, só a forquilha faz.

— Na Europa esse método sempre foi usado, desde 1400, 1500 e no Brasil existe publicação a respeito há 43 anos, mas poucos lêem. Eu leio, mastigo, já sei de cor tudo a respeito, mas continuo lendo, porque gosto e sei que de cada 100 pessoas há uma com sensibilidade para isso e de cada 100 sensitivas, 25 têm capacidade exata de marcar.

A varinha é fácil de achar, eu costumo pegar no próprio local. Tem gente que prefere escolher, mas eu trabalho até com "guanxumba do campo" se for preciso. Eu sou chamado "três por dois" e vou te falar, quando chego no lugar, o que ele tem de melhor eu marco.

— O sensitivo da forquilha tem condições de marcar tudo, se ele se aperfeiçoar. Pode achar petróleo, ouro. Eu

sei que existe na Europa um escritor, o Alfredo Becker, que faz isso. Mas eu não quero isso. Como lavrador, quero água, que é o que me interessa mais.

— Agora, o mais importante é saber onde está o veio na propriedade, antes de construir. Tem gente com a família cheia de doença, definhando, simplesmente porque a casa ou o quarto está sobre um veio d'água. Já cansei de receber gente que médico não sabia o que tinha e mandou para mim e eu "consertei", simplesmente mudando a pessoa de quarto ou o quarto de lugar. As vezes é preciso mudar a casa toda, por isso se deve achar o veio de água na propriedade antes de construir, porque 90% das doenças não vêm de cima, elas vêm da terra.

Análise de água

Assim que se perfura um poço, é imprescindível fazer uma análise de potabilidade da água, isto é, se ela é boa ou não para beber. O problema maior no Brasil para se fazer este tipo de análise é a quase inexistência de laboratórios que prestem o serviço. Além dos órgãos estaduais — como o Instituto Adolfo Lutz — e municipais — autarquias de saneamento básico — poucos laboratórios particulares se dispõem a este trabalho.

No caso de se optar em fazer a análise por um órgão estadual como o Adolfo Lutz é preciso também estar animado a cumprir suas exigências burocráticas. A pessoa interessada deve se dirigir pessoalmente ao Instituto, preencher um requerimento, marcar a data — normalmente para um mês depois — pagar uma taxa simbólica de Cz\$ 730,00 e, no dia marcado comparecer ao Instituto para buscar o técnico que vai à propriedade retirar ele mesmo a amostra. Para a análise físico-química, o técnico retira dois litros de água. A análise bacteriológica exige 125 mililitros. Normalmente em dez dias sai o resultado.

**CORREIO RURAL
O VEÍCULO MAIS
DIRIGIDO DO MEIO
AGROPECUÁRIO
FONE: 32-8588**



A podadeira passa rente ao pé e os discos se encarregam da poda. O ideal é podar um lado por vez e ano

Poda prolonga vida dos citros com declínio

Enquanto nos Estados Unidos os laranjais da Flórida e da Califórnia produzem de forma constante por quarenta, cinquenta anos e alguns pés chegam aos setenta, no Brasil, as pragas e doenças que atacam os laranjais não animam o citricultor a prever mais do que quinze anos de boa produção. Pior quando, aos seis anos de vida, os citros são atacados pelo declínio, um envelhecimento precoce que aparece mais nas plantas enxertadas sobre o cavalo limão-cravo, dos quais 90% dos citros no Brasil estão enxertados. Aí a planta começa a definhar e em dois anos acaba morrendo. Então o citricultor tem duas alternativas: ou parte para cavalos mais resistentes (como a laranja caipira ou a tangerina Sunki) ou planta mais adensado para que mais pés compensem o declínio de outros.

No caso do adensamento, automaticamente a plantação vai precisar de ser arejada, para melhor penetração de insumos e melhoria da qualidade do fruto e aí é necessária a poda, que produz um efeito contrário ao declínio: rejuvenesce a planta. A Cooperativa Holambra desenvolveu o modelo brasileiro de uma podadeira mecânica utilizada nos Estados Unidos, Israel e Argentina. Há dois anos o cooperado Lambertus Flipsem montou a podadeira. Hoje, três delas são utilizadas na própria cooperativa e assim que forem totalmente aprovadas começarão a serem emprestadas a outros citricultores, informa o engenheiro agrônomo Arlindo de Salvo Filho, um dos responsáveis pelo projeto.

O combate à leprose - o principal problema, hoje, do citricultor,

também é facilitado com o uso da podadeira. Por ser uma praga interna, a podadeira abre como que uma clareira entre as plantas e facilita a penetração dos remédios. O simples fato de podar a planta rejuvenesce-a e prolonga a sua vida. As tangerinas são as que melhor responderam à poda, até agora.

Poda na hora certa

É importante prestar atenção

na época certa da poda. Para as frutas precoces o tempo correto é imediatamente após a colheita. Para as tardias, há duas opções: em junho ou julho, antes da floração ou logo após a colheita normal, em outubro e novembro.

No caso de se optar pela poda antes da floração, o citricultor deve antes entrar em contato com a indústria de suco que costuma comprar sua produção, porque nesta época os frutos são ácidos.

Arlindo de Salvo sustenta que não haverá qualquer problema, porque a indústria normalmente utiliza frutas ácidas e paga o mesmo preço do maduro. A poda nesse caso é feita depois que todo o talhão estiver limpo. O ideal é podar um lado do pé por vez, para que a produção não seja zero.

Toda poda deve ser acompanhada por um tratamento de fungicida, para evitar a penetração de fungos e aparecimento do cancro cítrico, aconselha De Salvo. A podadeira desenvolvida na Holambra não costuma lascar a planta. Ela é lateral e de topo. O equipamento acoplado ao topo colabora na manutenção do pé na altura ideal de dois a três metros. Acima dessa altura, há dificuldades na hora da colheita e o apanhador prefere deixar perder o fruto do que se arriscar a subir em escadas altas, também difíceis de serem construídas e transportadas.

Embora esteja ainda em fase de testes a adaptação total às condições do Brasil, a podadeira tem se mostrado eficaz. Pés atingidos pelo declínio que foram podados há dois anos já não estão mais destinados a serem arrancados: a produção antes minguada de 1/2 caixa por pé saltou para 4 caixas de 40,8 quilos por pé, neste ano. O cuidado maior que se deve tomar na utilização do equipamento é com a segurança. O tratorista precisa estar protegido de galhos ou algum disco que pode se desprender e voar a dezenas de metros. Todo o tratamento também deve ser acompanhado por um técnico no assunto. No mais, é partir para a poda. Desde que o tronco esteja sadio, praticamente todo o pomar é rejuvenescido.

Serviço completo

Nem sempre é possível cortar todos os galhos necessários, pelo simples uso da podadeira mecânica. Alguns galhos teimam em permanecer, nas laterais e, principalmente na copa das árvores. Por coincidência, a Engenharia Agrícola da Unicamp — Universidade Estadual de Campinas — desenvolveu uma podadeira manual que complementar com sobras o trabalho da podadeira mecânica. Ela é leve, não pesa mais que 3 quilos, e trabalha com motor de pulverizador costal, sem o tanque de litros, claro. A faca e a contrafaca fecham como uma tesoura e é ideal para pequenas plantações. A universidade espera agora, vender a tecnologia para a produção em série do aparelho.

